

SESI



20^a semana
nacional
de museus

SNM

o poder dos museus



© 2022 Esta publicação ou parte dela não pode ser reproduzida por qualquer meio sem autorização.

Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais – FIEMG

Presidente do Sistema FIEMG

Flávio Roscoe Nogueira

Serviço Social da Indústria – SESI DR/MG

Gestor do SESI DR/MG

René Wakil Júnior

Superintendente Regional do SESI DR/MG

Christiano Paulo de Mattos Leal

Gerência de Responsabilidade Social

Luciene Regina Araújo

Gerência SESI Cultura

Karla Bittar Silveira

S493

SESI Museu de Artes e Oficinas

20ª semana nacional de museus: o poder dos museus. Belo Horizonte: SESI/DR, 2022.

2000 kB; il.; PDF.

ISBN 978-65-999281-0-9

1. Objetivos. 2. Finalidade. 3. Utilidade. 4. Função educativa e pedagógica dos museus.

I. Título II.SESI. Departamento Regional de Minas Gerais

CDU: 069.1

Ficha catalográfica elaborada por Amanda de Azevedo Silva Martins - CRB6 3090

SESI

Serviço Social da Indústria
Departamento Regional - Minas Gerais

SESI MAO

Praça Rui Barbosa, 600 - Centro
30160-000 - Belo Horizonte - MG
Tel.: (0xx31)3248-8600
www.maosesifiemg.com.br

ÍNDICE

Introdução	03
O poder dos museus – Semana Nacional de Museus de 2022	05
O poder do educativo do MM Gerdau com o projeto "O museu atravessa a cidade"	07
Reflexões sobre as forças das ações Educativas no Espaço do Conhecimento UFMG	14
A força dos museus pelo olhar do turismo: considerações e caminhos	21
O poder do MUQUIFU	27
Educativo MMGV em casa: Relatos de Home Office	32
A Força Educativa do SESI Museu de Artes e Ofícios	38

**No dia 18 de maio de 2022 comemorou-se
o Dia Internacional dos Museus.**

Neste dia, há mais de 45 anos, as instituições museológicas de todo o mundo, celebram e convidam o campo museal e a comunidade pertencente do território em que habitam os museus para refletirem as ações museais que são empenhadas ao longo de todo ano pelas instituições por meio de um tema definido pelo Conselho Internacional de Museus - ICOM.

O Sesi Museu de Artes e Ofícios reforça o seu compromisso em ser uma instituição que preserva a história do trabalho do Brasil e, com isso, visa trabalhar constantemente para que o seu acervo museológico possa estar em pleno estado de salvaguarda e com ações que possam promover e comunicar com o público espontâneo e de visitas mediadas.

São as ações educativas, museológicas e culturais que mostram a verdadeira força e o poder do Sesi Museu de Artes e Ofícios. Como forma de divulgar estas atividades, foi realizada uma programação em torno da 20ª Semana Nacional de Museus, iniciativa que faz parte da Política Nacional de Museus e que é promovida pelo Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM.

No dia 17/05, a programação foi em torno da “Força Educativa dos Museus”. Logo, foi realizado um encontro colaborativo entre educadores museais do Sesi Museu de Artes e Ofícios, Memorial Minas Gerais Vale, Museu das Minas e do Metal Gerdau, Espaço do Conhecimento da UFMG e o Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos - MUQUIFU para que fosse compartilhado com o grande público as forças educativas que cada espaço museal possui.



No dia 18/05, foi abordado a “A Força dos Museus a partir do Turismo” por meio da reflexão a partir do desenvolvimento e os impactos de eventos, ações educativas, culturais e museológicas na economia e na sociedade. As convidadas foram a Gerente do SESCultura, Karla Bittar e Larissa Dura, Turismóloga, Mestre e Doutoranda em Ciência da Informação pela UFGM, cuja pesquisa estuda o público de museus.

Finalizando a programação da Semana Nacional de Museus, no dia 19/05, foi discutida a “Diversificação de público por meio das exposições temporárias em museus”. As convidadas Esther Mourão, Supervisora Técnica e Curadora das Galerias de Artes do Centro Cultural SESIMINAS e do SESI Museu de Artes e Ofícios, juntamente com a Adriana Mortara, professora e pesquisadora do Curso de Museologia da UFGM e Coordenadora do Setor Educativo do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFGM, propuseram refletir a importância das exposições temporárias no estímulo ao relacionamento entre museus, comunidade artística e o público visitante.

Esta publicação busca reunir trabalhos que reflitam as diferentes experiências e abordagens propostas e apresentadas pelas instituições e os convidados participantes do evento acerca da temática proposta pela Semana de Museus e colaborar com a divulgação e o fortalecimento da força e o impacto dos museus na sociedade.

Desejamos a todos uma excelente leitura.



O poder dos museus

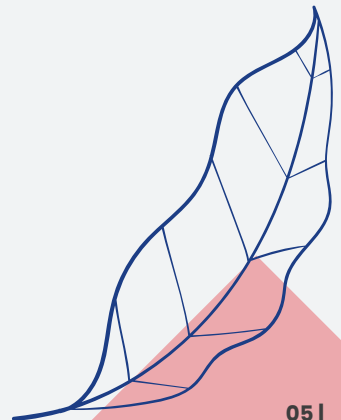
Semana Nacional de Museus de 2022

Karla Bittar
Gerente do SESI Cultura

O SESI Cultura dedica-se ao desenvolvimento e o fomento de ações culturais no Estado de Minas Gerais por meio de seus Centros Culturais, localizados em Belo Horizonte e Uberaba, bem como pelo SESI Museu de Artes e Ofícios, também na capital.

Para abrigar o Museu foram restaurados dois prédios antigos de rara beleza arquitetônica e relevância cultural, tombados pelo patrimônio público municipal e estadual. As construções, erguidas para abrigar a antiga Estação Ferroviária Central do Brasil e da Oeste de Minas, remetem a uma arquitetura de influência italiana, com elementos neoclássicos, em que o historicismo se une ao urbanismo para criar as novas realidades urbanas do século XIX. Em outubro deste ano comemoramos o centenário, de um desses prédios, carinhosamente conhecido como Galeria A, um marco histórico para a cidade de Belo Horizonte.

Em busca de democratizar o acesso da população aos equipamentos culturais, ampliar a capacidade multiplicadora da cultura em suas diversas expressões e amplificar os efeitos sociais gerados pela arte, o SESI Cultura MG dedica-se à proteção, recuperação e a salvaguarda dos bens que compõem o patrimônio cultural do Museu de Artes e Ofícios - primeiro empreendimento museológico brasileiro dedicado integralmente ao tema do trabalho, das artes e dos ofícios que deram origem às profissões contemporâneas.



Nesse sentido, amplia-se a responsabilidade do Museu como ferramenta não apenas para a preservação da história, como também para a transformação do ambiente no qual está inserido e do próprio cidadão, por meio da educação, da relação museu-escola e museu-comunidades.

Ampliar as experiências do nosso público, os convidando ao questionamento, criação de conexões e interações com os conteúdos expostos, são desafios que reforçam no dia a dia o poder transformador que a arte e a cultura exercem em nossas vidas.

Portanto, o museu sugere novas e diferenciadas relações com a sociedade, atribuindo a si próprio, também, a função de formar o ser humano para o exercício da cidadania, por meio das mediações entre o acervo exposto e o público.



O poder do educativo do MM Gerdau com o projeto “O museu atravessa a cidade”

“Mediar é estar entre. Um estar, contudo, que não é passivo nem fixo. Mas ativo, flexível, propositor”
(Martins, 2005, p.54).

David Silva¹
Guilherme Borges²
Henrique Sena³

Resumo

O presente relato de experiência é fruto do projeto “O Museu Atravessa a Cidade”, que propõe intervenções educativas junto à Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte. O projeto expandiu a atuação educativa levando parte do museu até as escolas, democratizando o acesso e propondo uma travessia de conhecimento, incluindo capacitação da comunidade escolar, a fim de que novos caminhos se abram a partir desse encontro.

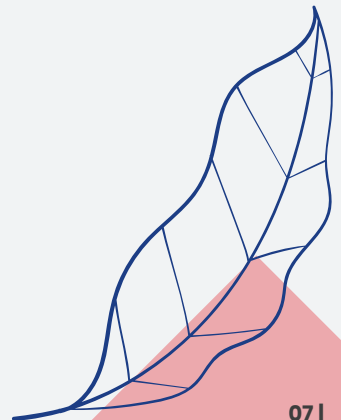
Apresentação

O MM Gerdau - Museu das Minas e do Metal é um museu de ciência e tecnologia que apresenta, de forma lúdica e interativa, a história da mineração e da metalurgia. Aberto ao público em junho de 2010, integra o Circuito Liberdade, complexo cultural sob gestão da Secretaria de Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais (Secult) e que reúne diversos espaços com as mais variadas formas de manifestação de arte e cultura em transversalidade com o turismo.

1- David Silva possui graduação em Geografia (UFMG) e cursa Arquitetura e Urbanismo (UFMG). Atua em museus há 13 anos, tendo integrado o Educativo MM Gerdau por 10 anos. Atualmente, faz parte do Núcleo de Pesquisa desta mesma instituição.

2- Guilherme Borges possui licenciatura e bacharelado em Geografia (UFMG). Atuou na educação básica ministrando aulas e oficinas, bem como em espaços de educação não formal. Desde 2014 trabalha no MM Gerdau no planejamento e desenvolvimento de ações educativas.

3- Henrique Sena possui Licenciatura e Bacharelado em História (UFMG) e pós-graduação em Economia e Metodologia do Ensino de História e Geografia (Faculdade Metropolitana), tem experiência em práticas educativas em museus, tendo feito parte do Educativo MM Gerdau até 2021.



Em 20 áreas expositivas, estão 44 exposições que apresentam, por meio de personagens históricos e fictícios, os minérios, os minerais e a diversidade do universo da Geociências. Neste contexto, o Educativo do MM Gerdau tem a missão de acolher os visitantes nessa viagem pelas Minas e pelo Metal, tendo atendido, desde a inauguração do Museu, cerca de 214 mil pessoas em ações educativas presenciais e virtuais.

Ao longo de sua história, o Educativo desenvolveu inúmeras atividades para o público da primeira infância, tais como, ações teatrais, oficinas, dinâmicas musicais, jogos, brincadeiras, contações de histórias variadas e visitas mediadas. Dentre as ações e em diálogo permanente com a Secretaria Municipal de Educação (SMED) através da Gerência de Coordenação da Educação Infantil (GECEDI), participou do projeto “Educando a cidade para educar”, com visitas mediadas ao museu para crianças de 4 e 5 anos matriculadas na Rede Municipal de Educação. Em 2018, o Educativo iniciou o projeto “O Museu Atravessa a Cidade”, que teve como objetivo realizar ações com crianças na faixa-etária entre 3 e 5 anos e cujos eixos temáticos de discussão perpassam questões de gênero e étnico-raciais, em interface com os conteúdos expográficos do Museu, descentralizando o acesso à cultura e aos conteúdos e práticas museais.

Desde a inauguração do museu, em 2010, a equipe multidisciplinar do setor Educativo planeja, produz e executa ações voltadas para a primeira infância. No entanto, a partir de 2018, com a descontinuidade do programa “Educando a Cidade para Educar” ligado à Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte (SMED), o setor buscou realizar parcerias com Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEIS) e Creches Conveniadas à SMED, com o intuito de levar a essas instituições ações educativas voltadas às temáticas étnico-raciais, de gênero e científicas, o que culmina no “Museu Atravessa a Cidade”. Nesse contexto, em um primeiro momento é realizada uma visita na instituição parceira para apresentar o projeto, bem como conhecer a proposta pedagógica da escola, a comunidade escolar e realizar um primeiro contato com as turmas. O segundo momento é a execução das ações propostas, neste caso, as histórias



de Chico Rei, da Rainha Djalô e de Dona Izabel. Posteriormente, um terceiro momento acontece em conjunto com cada EMEI e/ou Creche Conveniada para avaliar as ações realizadas. Inspirado pelo tema “O Poder dos Museus” da 20ª Semana Nacional de Museus, pautado pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), o MM Gerdau traz neste relato sua atuação junto ao público escolar da primeira infância, através do projeto “O Museu Atravessa a Cidade” e suas intervenções educativas junto à comunidade escolar da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte. As ações educativas, tais como oficinas e contação de histórias, são de caráter artístico, cultural e científico e, por meio das histórias de Chico Rei, da Rainha Djalô e de Dona Izabel, as lavadeiras e bonequeiras do Vale do Jequitinhonha, pretendem resgatar temas de relevância étnico-racial, meio ambiente, sustentabilidade e de gênero nos espaços escolares. Atualmente, o projeto está em sua segunda edição e é fruto de desdobramentos e investigações da equipe educativa, de modo a incentivar a vivência da cidade pelas crianças.

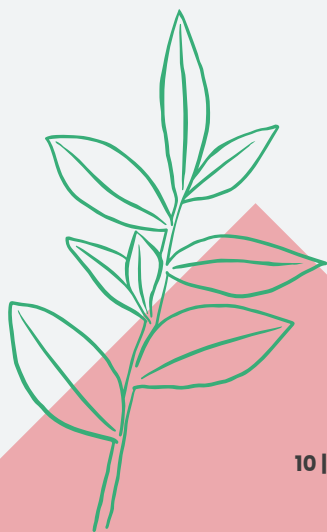
Belo Horizonte foi idealizada e construída a partir dos signos da modernidade. Quando analisada a produção espacial dessa metrópole, percebemos um processo de urbanização complexo e contraditório, em que determinados territórios possuem acesso quantitativo e qualitativo aos serviços urbanos, e, em contraponto, outros territórios ficam à margem do acesso a esses serviços, habitando regiões periféricas da cidade. Uma análise detalhada do Índice de Qualidade de Vida Urbana de Belo Horizonte (Prefeitura de Belo Horizonte, 2018), permite verificar, de forma minuciosa, a distribuição de bens públicos e privados. A partir dos dados obtidos nesse relatório a PBH propõe editais de ocupação cultural via Lei Municipal de Incentivo à Cultura (LMIC), de maneira a viabilizar investimento público e acesso em áreas periféricas e de baixo índice de projetos culturais. E foi por meio da LMIC que o projeto “O Museu Atravessa a Cidade” está sendo viabilizado em 2022, com apoio do Grupo Zelo. Neste momento, o projeto encontra-se em fase inicial de execução devido à pandemia de COVID-19. A proposta do projeto é que seja realizado de maneira presencial, de forma que as crianças possam experienciar as atividades e sensações possibilitadas pelo



projeto. Assim, optou-se por prorrogar o início de sua execução, aguardando a melhoria dos índices de vacinação e condições seguras para a equipe e crianças envolvidas no projeto. Nesta segunda edição, o projeto prevê o atendimento de 700 crianças em 10 escolas da rede municipal, ampliando consideravelmente o número de crianças atendidas na primeira edição, iniciada em setembro de 2018.

Como forma de possibilitar a continuidade das ações educativas, o projeto propõe, ainda, a capacitação de educadores sociais, agentes comunitários, brincantes da comunidade local e interessados acerca do tema acessibilidade e inclusão, disponibilizando equipe e espaço propício para a fruição e aprendizagem dos participantes. A intenção é que esses sujeitos sejam potenciais agentes multiplicadores das ações e promovam a autonomia dos envolvidos, de forma que possam dar continuidade e ressignificar as propostas do Museu, com o apoio do material didático disponibilizado, promovendo ações inclusivas e significativas na e para a comunidade. Assim, o projeto tem como objetivos principais:

- Ampliar o diálogo com a cidade, estendendo o alcance territorial do museu para regiões de vulnerabilidade social do município de Belo Horizonte;
- Ocupar o espaço público com atividades culturais e científicas;
- Promover interação e convívio intergeracional;
- Divulgar brincadeiras tradicionais da cultura brasileira;
- Potencializar o desenvolvimento de sensibilidades, curiosidades, habilidades e competências próprias da infância, bem como a construção de memórias e o fortalecimento de laços identitários;
- Divulgar e democratizar as ciências, a tecnologia e temas afins;
- Estimular a diversidade de interpretações do mundo a partir das artes e ciências;
- Capacitar e dialogar com agentes culturais, educadores sociais e brincantes da comunidade de forma a proporcionar recursos ao atendimento de pessoas com algum tipo de deficiência.



2018: travessias

A partir das experiências vivenciadas na primeira edição do projeto é que se desenhou a necessidade de ampliar o número de crianças e instituições participantes, o que foi possível através da aprovação na LMIC. Como dito anteriormente, a edição atual do projeto ainda está em fase inicial de execução e, por isso, apontamos, a seguir, algumas experiências poéticas vivenciadas na edição anterior do projeto, que contou com a participação de 4 instituições, com 12 ações educativas e 126 crianças atendidas.

O carro está abarrotado. Automóvel e ateliê se unem: argilas, pigmentos, pedras, malas, mapas, fitas coloridas, chapéus, cabeças balançando. Atravessar a cidade é estar com os sentidos atentos às diversas transformações do espaço urbano, a experiência errática é bem vinda (Jacques, 2012). O GPS fala para seguirmos em frente. Pare! Estamos perdidos. Desliga isso por favor. Silêncio e ouvidos atentos. Os gritos vêm lá de cima. É para lá, sobe, sobe mais e vira. O museu estaciona em frente ao portão da escola.

Entramos e atravessamos: corredores, salas, bibliotecas, jardins, refeitórios, parquinhos... e encontramos: crianças, infâncias, histórias, brincadeiras. Nas duas narrativas que o Educativo se propôs a compartilhar com estes sujeitos transformadores do mundo, somos viajantes e gostamos de compartilhar nossas experiências e histórias de pessoas que conhecemos no Vale do Jequitinhonha e no Congo.

“Mediar é estar entre. Um estar, contudo, que não é passivo nem fixo. Mas ativo, flexível, propositor” (Martins, 2005, p.54). Sentados em roda. Puffs coloridos. Conversas horizontais se cruzam. Olhos nos olhos. Cada sujeito se apresenta. Eu sou e estou. Nós que acabamos de chegar também nos apresentamos. Crianças levantam a mão e falam. Outras não levantam a mão e também falam.

“A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (Larossa, 2002, p. 02). Uma caderneta antiga passa de mão em mão. Mãos flanam páginas amareladas e símbolos de resistência.



Máscaras também são retiradas da mala, da mão vão para o rosto e do rosto soltam no ar vários sons. Pedras roladas e pontiagudas rolam na roda, giram pelas mãos. Texturas, formatos e cores variadas. As mãos ficam coloridas. Pedras possuem atração pelo chão e pela língua, possuem gosto de mar, de parede e de pipoca. Tudo isso são presentes de uma Rainha do Congo, Djalô, e de um rei, o Chico.



Viajamos também para o Vale do Jequitinhonha. Nossa carroça quebrou e Diadorim, nosso companheiro, empacou várias vezes. Ao longe, no horizonte embaçado, vimos uma figura caminhando, vestido rendado e chinelo de dedo, seu cachorro Torresmo ao lado. Era Dona Isabel, a bonequeira. E foi neste encontro que começamos a nos encontrar no Vale. E a nos encontrar com as diversas histórias das várias infâncias na metrópole. Inspirações para atravessar a cidade.



Emei Serra Verde, 2018 / Fonte: Lucas D'Ambrósio. MM Gerda.



Emei Silva Lobo, 2018 / Fonte: Lucas D'Ambrósio. MM Gerda.

Considerações finais

O projeto, ao propor atividades de caráter artístico-cultural, educativas e científicas, corrobora que o direito à cidade perpassa cidadãos de todas as idades. A partir das narrativas construídas e das atividades planejadas, o projeto aborda questões sensíveis e imprescindíveis à compreensão dos processos de construção da sociedade brasileira, considerando a contribuição para a ciência e tecnologia. Evidencia, também, a importância cultural e artística, enaltecendo e divulgando um importante traço cultural de nosso estado e trazendo visibilidade para a temática.

Sendo assim, o projeto valoriza e estimula discussões relevantes para a constituição de uma sociedade mais justa e menos desigual. Contribui para a formação de indivíduos que reconheçam e respeitem a diversidade de saberes, conhecimentos e culturas que compõem as sociedades. Também colabora na divulgação e popularização da ciência e da tecnologia, fortalecendo laços identitários e valorizando a diversidade cultural, de gênero e raça. Assim, entende-se que “o poder dos museus e de sua força dos setores Educativos” se traduz na multiplicação dessas ações dentro da comunidade e para além dela! Como forma de possibilitar a continuidade das ações educativas, o projeto propõe, ainda, a capacitação de educadores sociais, agentes comunitários, brincantes da comunidade local e interessados acerca do tema acessibilidade e inclusão, disponibilizando equipe e espaço propício para a fruição e aprendizagem dos participantes. A intenção é que esses sujeitos sejam potenciais agentes multiplicadores das ações e promovam a autonomia dos envolvidos, de forma que possam dar continuidade e ressignificar as propostas do Museu, com o apoio do material didático disponibilizado, promovendo ações inclusivas e significativas na e para a comunidade.

Referências

- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Rev. Bras. Educ. [online]. 2002. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IstisScript=iah/iah.xis&base=article%5Ecdlibrary&format=iso.ptf&lang=e&nextAction=lnk&indexSearch=AU&exprSearch=BONDIA,+JORGE+LARROSA>. Acesso em 18/04/2022.
- Jacques, Paola Berenstein. Elogio aos errantes. Salvador: EDUFBA, 2012.
- Martins, Miriam Celeste. Mediação: estudos iniciais de um conceito. Martins, Miriam Celeste (Org.). Mediação: provocações estéticas. USP – Instituto de Artes. São Paulo, v. 1, n. 1, 2005.
- Prefeitura de Belo Horizonte. Relatório Geral sobre o Cálculo do Índice de Qualidade de Vida Urbana de Belo Horizonte para 2016. Belo Horizonte, 2018. Disponível em: https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/planejamento/relatorio_iqvu_2016_publicacao_versoaweb_1_0.pdf Acesso em 18/04/2022.



Reflexões sobre as forças das ações Educativas no Espaço do Conhecimento UFMG

Abraão Veloso Machado¹

Ana Vila Pacheco²

Jonathan Philippe Fernandes Barboza dos Santos³

Priscila Gabriele Martins Silva⁴

Sibelle Cornélio Diniz⁵

Wellington Luiz Silva⁶

Resumo

O texto apresenta as ações educativas do Espaço do Conhecimento UFMG e sua aproximação com as diretrizes contemporâneas da extensão universitária, da educação não formal e da educação museal. As práticas educativas nesse museu tem como objetivos centrais a democratização do conhecimento acadêmico e o compartilhamento e cocriação de saberes com os diversos públicos.

O Espaço do Conhecimento UFMG localizado na Praça da Liberdade, em Belo Horizonte, é um dos espaços de cultura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), voltando-se à divulgação científico-cultural, à valorização e à produção de saberes. É ligado à Diretoria de Ação Cultural da UFMG e integra a Rede de Museus e Espaços de Ciência e Cultura da Universidade. Compõe ainda o Circuito Liberdade, conjunto de museus e centros culturais de Belo Horizonte.

1- Abraão Veloso Machado. Graduando em Artes Visuais, estagiário do Núcleo de Ações Educativas do Espaço do Conhecimento UFMG.

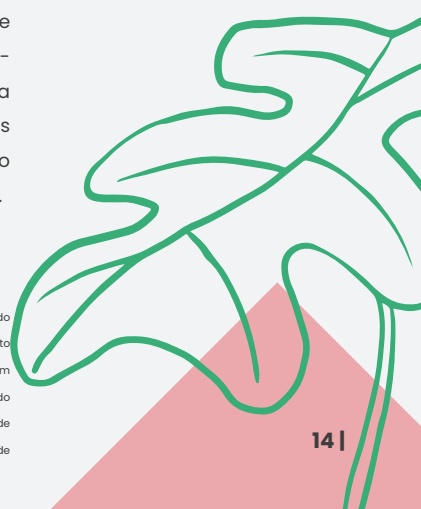
2- Ana Vila Pacheco. Graduada em História, estagiária do Núcleo de Ações Educativas do Espaço do Conhecimento UFMG.

3- Jonathan Philippe Fernandes Barboza dos Santos. Bacharel em Ciências Socioambientais (UFMG), graduando em Geografia (IGC/UFMG), assistente do Núcleo de Ações Educativas do Espaço do Conhecimento UFMG.

4- Priscila Gabriele Martins Silva. Licenciada em Teatro (UFMG), assistente do Núcleo de Ações Educativas do Espaço do Conhecimento UFMG.

5- Sibelle Cornélio Diniz. Professora do Departamento de Ciências Econômicas da UFMG e coordenadora do Núcleo de Ações Educativas do Espaço do Conhecimento UFMG.

6- Wellington Luiz Silva. Licenciado em Geografia, Mestrando em Educação e Docência (Fae/UFMG), assessor do Núcleo de Ações Educativas do Espaço do Conhecimento UFMG.



Aberto ao público em 2010, o prédio do Espaço do Conhecimento UFMG conta com uma fachada digital, um planetário e um terraço astronômico, além de três andares de exposição. A exposição de longa duração, Demasiado Humano, perpassa por temas diversos, como a origem do universo e a diversidade linguística brasileira. Pretende, assim, apontar os modos como nossa civilização vê e constrói o mundo em uma miríade de formas – poéticas, filosóficas, científicas e tecnológicas, tradicionais e modernas. Além da mostra de longa duração, o museu abriga exposições de curta duração, que abordam diversos temas e curadorias. As mostras de curta duração e a programação de atividades permitem o estabelecimento de relações com diversos projetos da Universidade.

Do ponto de vista do funcionamento das atividades, o museu é um programa de extensão da Universidade, formado por cinco projetos que correspondem aos núcleos de trabalho no museu: i) Ações Educativas, Acessibilidade e Pesquisa de Público; ii) Astronomia; iii) Audiovisual; iv) Comunicação e Design; e v) ExpogRAFIA. Os projetos contam com a coordenação de professores de diferentes departamentos da UFMG, assessores, além de equipe de assistentes, estagiários e bolsistas. A equipe do museu é composta, ainda, por um setor de apoio administrativo e produção e por uma secretaria, sendo estes vinculados à Diretoria do Espaço.

A função de desenvolver e aprimorar atividades de mediação junto ao público do Espaço do Conhecimento UFMG é de responsabilidade do Núcleo de Ações Educativas, Acessibilidade e Estudos de Público, composto por uma coordenação, uma assessoria, dois assistentes, dois estagiários, 20 bolsistas extensionistas das mais diferentes áreas de formação da UFMG, 02 bolsistas do Programa de Apoio a Inclusão e Apoio à Acessibilidade (PIPA-UFMG) e 01 bolsista de iniciação científica que atua diretamente com as ações de pesquisa de público.

A atuação do Núcleo é estratégica no sentido de irradiar diretrizes educativas para os demais núcleos do Espaço do Conhecimento UFMG. A equipe, de forma interdisciplinar, busca mediar a relação entre público e museu e formar novos públicos através de oficinas, contações de histórias, percursos temáticos, exibição de



documentários e visitas espontâneas e agendadas – estas últimas, realizadas por turmas de estudantes de escolas públicas e privadas de todas as idades.

Em sintonia com as diretrizes contemporâneas da extensão universitária, da educação não formal e da educação museal, o trabalho do Núcleo tem como objetivos centrais a democratização do conhecimento acadêmico e o compartilhamento e cocriação de saberes com os diversos públicos, considerando as necessidades dos diversos públicos envolvidos.

Além disso, assume-se o protagonismo do estudante em sua formação, tanto técnica quanto cidadã, ressignificando os tempos e espaços de aprendizagem (Síveres, 2013). Uma vez que os bolsistas de extensão, estudantes de graduação da UFMG de diferentes cursos, atuam no contato direto com o público, como mediadores. Esse trabalho se orienta por uma noção de mediação amparada no diálogo, na dúvida e na coconstrução de conhecimentos. Assim, o desenvolvimento das ações parte ainda da compreensão de que os museus são espaços de encontro, troca e debate onde o público deve se tornar protagonista (Castelfranchi, 2016).

Desde 2010, o Espaço do Conhecimento UFMG recebeu cerca de 600 mil visitantes. Boa parte desse público é formado por visitantes espontâneos, geralmente grupos de amigos e familiares. O contato desses visitantes com os integrantes da equipe educativa do museu ocorre através da participação nas atividades da programação e de conversas com os mediadores presentes na área de exposição durante a visita. O público espontâneo do Espaço é composto, em grande parte, por residentes do entorno do museu e por pessoas vinculadas à UFMG. É formado, ainda, por turistas e residentes de Belo Horizonte e Região Metropolitana, predominando a alta escolaridade (Guimarães & Diniz, 2019).

A outra parte do público corresponde a grupos escolares de instituições públicas e privadas que agendam visitas ao museu. Diferentemente do que ocorre com o público espontâneo, a visitação escolar permite a aproximação do museu a públicos bastante



diversos, bem como a formação de novos públicos. Em 2019, o Espaço do Conhecimento UFMG recebeu 323 grupos escolares via agendamento, totalizando 11.982 estudantes. Desses estudantes, 46% vieram de escolas municipais, 27%, de escolas particulares, 23% de escolas estaduais, 1% de escolas federais e 3%, de outras instituições. Ou seja, dentre os estudantes de grupos agendados que estiveram no museu em 2019, cerca de 70% eram do ensino público, desde a educação infantil até a educação de jovens e adultos.



Atividade “Contações de histórias nas Cosmogonias” realizada em 2019 com o público espontâneo do Espaço do Conhecimento UFMG.

Ao longo da sua existência, o Núcleo de Ações Educativas, Acessibilidade e Estudo de Público do Espaço do Conhecimento UFMG busca construir uma prática educativa que acolhe a diferença, que se propõe ao diálogo, que está aberta a experimentar e a se reinventar, que busca ser emancipatória, tendo como base a horizontalidade necessária para o processo de troca de saberes entre os públicos, os mediadores e toda a equipe do museu. Tal prática busca contemplar as diversidades dos sujeitos visitantes, usando de abordagens e métodos variados para não só cativar, mas, principalmente, instigar.

Esse horizonte do trabalho educativo do Espaço do Conhecimento UFMG foi o impulso imprescindível para enfrentar os desafios postos pela pandemia de COVID-19. Assim, o diálogo entre a equipe foi fundamental para refletir sobre a situação gerada pelo distanciamento social e estabelecer caminhos de conexão com o público através de novos projetos. Nesse sentido, com o objetivo de manter a interlocução com os professores durante o fechamento do museu ao público, o Núcleo elaborou o projeto “Espaço aberto a educadores”, que engloba uma coluna especial no Blog do Espaço!



com textos especialmente voltados para esse público. A coluna publicou, ainda, relatos de experiências de educadores que já visitaram o Espaço do Conhecimento ou realizaram oficinas virtuais com suas turmas. Adicionalmente, o projeto visa estabelecer um canal de comunicação com os professores para a divulgação das ações do Núcleo. Isso acontece através de uma newsletter direcionada a esse público e por meio de uma lista de transmissão de mensagens no Whatsapp, que possui, atualmente, 216 educadores.



A capacidade de experimentar e se reinventar permitiu, ainda, a elaboração do projeto “Espaço em Rede”, que buscou criar alternativas de aproximação e troca com os públicos do museu pelos meios virtuais. Durante o ano de 2020, as ações do projeto consistiram na produção de vídeos de contação de histórias, podcasts e de oficinas de produção de materiais. Em março de 2021, o Espaço em Rede passou a incluir oficinas virtuais síncronas, através do Zoom, com turmas de grupos escolares e com o público espontâneo. Para isso, foi preciso pensar estratégias para a familiarização do público com a plataforma de videoconferência e técnicas que estimulassem a participação. Ademais, buscou-se inserir nas oficinas atividades como desenho e jogos, com o objetivo de trabalhar as dimensões material, corporal e analógica, ainda que mediadas por uma plataforma digital.



Registro da oficina virtual
“Os Sorielisarb - Quem são os outros?”,
realizada em 2021

A busca por contemplar as diversidades dos sujeitos visitantes, usando de abordagens e métodos variados, possibilitou em 2020 o surgimento do “Projeto Mirantes”, que consistiu na produção de

uma série de postais a partir de fotografias e relatos de alunos e professores da rede pública de ensino básico e frequentadores dos Centros Culturais de Belo Horizonte. O projeto Mirantes integrou a Mostra Universidade Cidade e foi um convite à apropriação de paisagens da cidade a partir das janelas das casas, provocando os participantes a exercitar um olhar de viajante no seu cotidiano, durante o distanciamento social. Os postais produzidos pelos estudantes e professores foram disponibilizados no site da Mostra Universidade com audiodescrição das imagens dos postais, visando não apenas tornar acessível o conteúdo, mas também dialogar de forma poética com o público cego e pessoas com deficiência visual e baixa visão.

Além disso, durante o período de distanciamento social, os estudos de público se voltaram às formas de interação e participação nas diversas plataformas virtuais em que o Espaço do Conhecimento UFMG se faz presente. Já o projeto Sábado com Libras Virtual ofereceu atividades como contação de histórias, divulgação de conteúdos no Youtube e Oficinas Virtuais ministradas em Libras e Português.

Por fim, em 2021, em conjunto com a expografia do museu, o educativo teve o desafio de cativar e instigar o público a se apropriar do Sertão Roseano, através da exposição virtual Sertão Mundo. Esse processo provocou a equipe a pensar sobre as possibilidades de mediação e interação de uma exposição no meio virtual. O ineditismo dessa experiência despertou novos olhares, estimulando a criatividade da equipe e ampliando sua integração à equipe de curadoria e aos demais núcleos de trabalho do Espaço do Conhecimento UFMG. A partir dessa integração entre os setores do museu surgiu o projeto Sertãozinho, que busca a aproximação do público infantil com o universo da obra de Guimarães Rosa, a partir de elementos do Sertão Mineiro, passando pelas palavras, a natureza, as músicas, as brincadeiras e os cantos dos pássaros.



Assim, a força educativa do Espaço do Conhecimento UFMG está ligada diretamente à sua capacidade inventiva, ao trabalho em equipe e de seu constante exercício de escuta da fala dos componentes da equipe do museu e das falas de seus públicos. Além disso, o entendimento de que todas as suas ações, apesar dos desafios, devem ter por objetivo a democratização do acesso, a ampliação e inserção dos variados públicos, considerando a sua diversidade e as necessidades de acessibilidade e a valorização dos diversos saberes.

Referências

- CASTELFRANCHI, Y. O museu como catalisador de cidadania científica. In: MASSARANI, L.; NEVES, R.; AMORIM, L. (Org.) Divulgação científica e museus de ciências: o olhar do visitante - Memórias do evento. Rio de Janeiro: Museu da Vida / Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz; RedPop, 2016, disponível em: <http://www.redpop.org/wp-content/uploads/2015/06/O-olhar-do-visitante-WEB.pdf>.
- Fórum de Pró-Reitores das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. Política Nacional de Extensão Universitária. FORPROEX: Manaus, 2012. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf>
- GUIMARÃES, Alice Demattos. DINIZ, Sibelle Cornélio. Equipamentos culturais, hábitos e território: um estudo de caso do Espaço do Conhecimento UFMG. URBE, Revista Brasileira de Gestão Urbana, Paraná, v.11, maio, 16p, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br//urbe/a/mM78Hb5pHQ63bzCH4xz44N/?lang=pt&format=pdf>
- SÍVERIS, Luiz. O princípio da aprendizagem na extensão universitária. In: A extensão universitária como um princípio de aprendizagem. SÍVERIS, L. (Org.). Brasília: Liber Livro, 2013



A força dos museus pelo olhar do turismo: considerações e caminhos

Larissa Fernandes Dutra¹

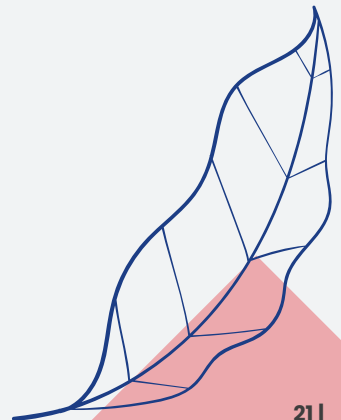
Resumo

Este texto resume-se em um compilado de ideias levantadas na 20ª Semana Nacional de Museus realizada no Museu de Artes e Ofícios em maio de 2022. Traz alguns pontos relevantes em se tratando da força das entidades museais em relação ao turismo cultural mundial, abarcando sua importância econômica para regiões, uma vez que movimentam espaços de hotelaria, transportes, loja de souvenirs e restaurantes.

No dia 18 de maio de 2022 estive presente no hall de entrada do Museu de Artes e Ofícios (MAO) - juntamente com a gerente de Cultura do Sesi Minas Gerais, Karla Bittar - para falar um pouco sobre a relação dos museus com a atividade turística no mundo, ressaltando a força destes equipamentos culturais para movimentar visitantes e turistas por diferentes localidades.

Na ocasião, foi citada a importância dos museus e centros culturais como força motora para movimentação do turismo cultural, acrescentando-se que este seguimento, segundo dados da Organização Mundial do Turismo (OMT, 2001), configura-se como um dos mais representativos tipos de turismo no mundo, possuindo crescimento em níveis globais, a uma taxa aproximada de 10% ao ano.

¹ - Turismóloga pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre e doutoranda em Ciência da Informação com estudos relacionados a gestão em museus, cultura e turismo. E-mail: larissadutra@gmail.com.



Foram citados, adicionalmente, museus que movimentam em números de visitantes uma quantidade de turistas extraordinária - que chega a ultrapassar, inclusive, a população geral de alguns países. Exemplo disso é o museu do Louvre, localizado na cidade de Paris (França) que detém média de 9 milhões de ingressos vendidos anualmente - quantidade maior em números do que o total de habitantes da Suíça em 2020 (8,6 milhões) (THE EUROPEAN MUSEUMS NETWORK, 2020).



Neste contexto, fora levantado o conceito de “museus estrelas” desenvolvido pelo economista Bruno Frey (2000), que em síntese aborda a existência de alguns museus pelo mundo, que se configuram como verdadeiros ímãs de multidões, sendo indispensáveis para turistas por possuírem algumas características que os dissociam dos demais.

Uma dessas características por exemplo, é que se configuram como museus “obrigatórios” para turistas, aparecendo em destaque em todos os guias turísticos, sendo os leitores destes guias aconselhados a não deixar de visitá-los. Alguns guias de viagem e livros de arte, inclusive, utilizam símbolos semelhantes aos do guia Michelin² para avaliar o impacto e distinção destes museus em relação aos restantes.

Além disso, os museus estrelas são também reconhecidos pelo grande número de visitas que recebem, sendo essenciais ao turismo mundial de massas. De acordo com Assis (2017), inclusive, por se configurarem como chamarizes de visitantes, estes museus constituem-se como estratégicos e determinantes para suas economias locais, já que os visitantes acabam utilizando serviços, tais como hospedagens, restaurantes, transportes de locomoção interna, loja de souvenirs, aeroportos, etc.

Para Frey (2000), além dos aspectos já citados, as coleções de obras de arte mundialmente reconhecidas, de artistas mundialmente reconhecidos, também fazem alguns museus se diferenciarem dos demais tornando-se estrelas. Para o autor exemplos a serem citados

são o do quadro “Las Meninas” (1656) de Velázquez localizado no Museu do Prado; a Gioconda ou “Monalisa” (1503) de Leonardo da Vinci no Louvre, os afrescos da Capela Sistina (1508) de Michelangelo no Vaticano e muitos outros. Segundo Frey (2000) alguns visitantes são levados a se deslocarem até estes museus exclusivamente para conhecer essas obras mais prestigiadas, sendo esta situação tão clara que, no Louvre, em qualquer local em que se estiver, terão indicações (sinalização interna) para o caminho até a Monalisa.

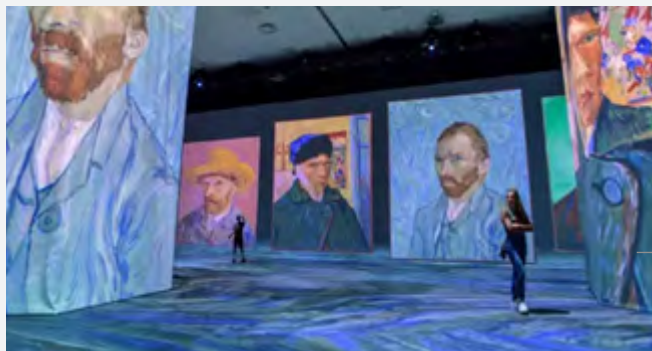
A arquitetura inovadora dos museus estrelas, igualmente, faz com que sejam um verdadeiro elemento artístico de suas cidades, diferenciando-os. Exemplo disso são os Museu Guggenheim em Nova York – que detém projeto arquitetônico de Frank Lloyd; o Centro Pompidou em Paris – projeto de Renzo Piano, Richard Rogers, Peter Rice, Su Rogers, Mike Davies e Gianfranco Franchini, o Getty Center em Los Angeles projeto de Richard Mayer e muitos outros.



Museu Guggenheim Bilbao - Espanha

Para além dos museus estrelas, discutiu-se também, o quanto algumas exposições de arte da atualidade – que fazem uso de tecnologias de ponta – tem conseguido levantar e movimentar milhões de turistas e visitantes ao redor do mundo. A exposição “Beyond Van Gogh, an immersive experience”, a título de exemplificação, resume-se em uma exposição itinerante, que desde 2017 já levou mais de 20 milhões de visitantes a galerias de museus e espaços culturais em todo o mundo. Foram 25 países que a receberam até o momento, incluindo Itália (Nápoles e Lesse), Bélgica (Bruxelas), China (Pequim

e Hangzhou), Israel, Inglaterra (York e Leicester), Brasil (São Paulo e Brasília), etc. (EXHIBITION HUB, 2022).



Beyond Van Gogh
an immersive experience

O uso de telas de projeção em 360°, óculos de realidade virtual e diferentes tecnologias aliadas as pinturas de sucesso de um dos pintores mais reconhecidos de todos os tempos, tornou a exposição um acontecimento em diferentes localidades, movimentando a atividade turística e economia de seus países participantes. Só no Brasil, de acordo com seu site oficial, foram vendidos mais de 40 mil ingressos nas primeiras horas de sua pré-estreia (EXHIBITION HUB, 2022). Algo curioso sobre a exposição, todavia, é a reflexão sobre os novos rumos que vêm tomando o conceito das exposições museais e interesse do público visitante, uma vez que na exposição Beyond Van Gogh não existem obras de arte verdadeiramente pintadas pelo artista, tudo é feito através de reproduções tecnológicas (sem a presença de nenhum quadro autêntico do pós-impressionista). Mesmo assim, canais de comunicação da cidade de São Paulo, alegam, por exemplo, acréscimo de movimentação hoteleira e meios de transporte devido a exposição, revelando que a mesma tem uma influência na economia local, uma vez que os turistas que vão visita-la gastam dinheiro com muitos bens e serviços que não estão relacionados diretamente a ela.

Adiante em nossa discussão, analisamos exclusivamente o contexto social brasileiro, uma vez que o número de pessoas no país que considera o museu uma atividade de lazer e entretenimento, ainda é muito baixo. Estima-se, segundo o IBRAM (2010), que mais de 70% dos



brasileiros nunca fora a um museu. Segundo Martinez (2014, p. 139), quando comparamos ao continente Europeu, percebemos o quanto ainda temos trabalho a se fazer nos espaços culturais brasileiros: “Enquanto, na Europa, 33% da população são frequentadores assíduos dos museus, no Brasil apenas 3% têm o hábito de visitá-los”.

Nesse quesito, os presentes na palestra discutiram a importância sobre gestores de museus no Brasil e pesquisadores desta área do conhecimento avaliarem proposições que tornem nossos museus cada vez mais “estrelas”, instigantes e interessantes para a sociedade, fazendo com que consigamos, quem sabe, movimentar financeiramente regiões através do setor cultural e da atividade turística.

Por outro lado, entendemos também, que é primordial refletir sobre a comunidade integrada ao entorno do museu (verificando quais são seus anseios para plena visitação a esses lugares). Isso porque, se o museu possui força suficiente para levar milhões de turistas a prática da visitação, é capaz, também, de envolver sua comunidade local através de suas coleções e de sua mediação, garantindo sua missão de divulgação da memória social e de transferência de conhecimento entre gerações, além de se tornar uma opção de lazer para os habitantes de sua cidade (DUTRA E MAFRA-PEREIRA, 2022).

Isso nos diz que os museus estrelas são sim grandes referências para os demais museus no sentido de demonstrar a força em que essas instituições podem alcançar na sociedade atual, mas antes de mais nada, precisamos começar a trabalhar diretamente com a nossa comunidade local, estudar o público e não público dos nossos museus, no sentido de tornar essas instituições cada vez mais atrativas e inclusivas. Percebemos que se nos esforçarmos para construir bons museus para a nossa comunidade local, teremos um caminho mais profícuo a seguir rumo a construção de estratégias que convidem novos visitantes e turistas a estes locais.

A reflexão que fica, nesse sentido, é que tipo de ‘estrela’ queremos ser. O sucesso de um museu, assim, nem sempre deverá ser medido



exclusivamente pela quantidade de visitantes anuais que recebe. Um contraponto sobre este aspecto seria a reflexão das necessidades e anseios do não público brasileiro de museus, o que esperam ou gostariam de ver em nossos equipamentos de cultura. Com este tipo de estudo e avaliação, poderíamos compreender como agregar valor a estes locais para dinamizar seu público visitante. Construindo estratégias como essas, entendemos que seríamos capazes de nos conduzir a sermos 'estrelas' em nossa própria comunidade, para quem sabe, extrapolar fronteiras rumo a criação e desenvolvimento de entidades que se tornem estrelas para todo o mundo.



Referências

- ASSIS, J. V. Economia da cultura e desenvolvimento urbano: o caso do Museu do Amanhã na cidade do Rio de Janeiro. Trabalho de conclusão de curso (graduação); Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas. Porto Alegre, 2017.
- DIÁRIO DO TURISMO, Meliá se torna a hospedagem oficial da exposição Beyond Van Gogh. Disponível em: <https://diariodoturismo.com.br/melia-se-torna-a-hospedagem-oficial-da-exposicao-beyond-van-gogh/>. Acesso: 16/05/2022.
- DUTRA, L. F.; MAFRA-PEREIRA, F. C. "Estudos de usuários no sistema de informação museal: uma proposta para a adequação da oferta informacional em museus à luz de usuários invisibilizados". In: SANTOS, H. P. (Org.). Ciência da informação: organização, preservação e difusão. p. 33 a 96, v.1.
- EXHIBITION HUB. About the exhibition. Disponível em: <<https://www.exhibitionhub.com/exhibitions/van-gogh-immersive-experience/>>
- FREY, B. La economía del arte. Barcelona: Fundación la Caixa, 2000. (Colección Estudios Económicos, 18).
- GUGGENHEIM BILBAO. Disponível em: <https://www.guggenheim-bilbao.eus/> Acesso: 16/05/2022.
- MARTINEZ, C. E. P. M. Nos trilhos do Museu de Artes e Ofícios: Exposição e público em Belo Horizonte/MG. Antíteses, v. 6, n. 12, p. 121-145, jul. - dez. 2014.
- NASCIMENTO FILHO, F. B.; FLORES, L. C. S.; LIMBERGER, P. F. Análise do posicionamento dos restaurantes de São Paulo estrelados pelo guia Michelin com base nas On-line Travel Reviews (OTRS). Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, São Paulo, 13 (2), p. 1 - 15, maio/ago, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.7784/rbtur.v13i2.1453>.
- OMT, Organização Mundial do Turismo. Estatísticas e Indicadores do Turismo Mundial. 2001. Disponível em: http://www.dadosofatos.turismo.gov.br/dadosofatos/outros_estudos/plano_internacional/ Acesso: 16/05/2022.

O poder do MUQUIFU

Cleiton Gos¹

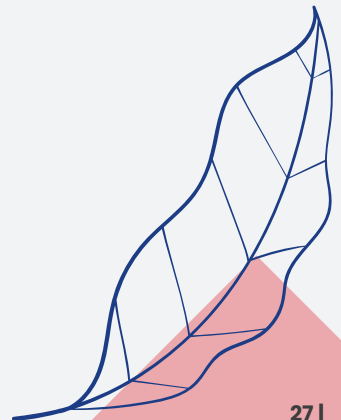
José Augusto de Paula Pinto²

Resumo

O MUQUIFU, Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos, localizado na Vila Estrela, Morro do Papagaio, em Belo Horizonte, consolida-se como um espaço inclusivo como deve ser qualquer espaço público, seja museal ou não. É um espaço coletivo, que representa não apenas aos moradores do seu entorno, mas, torna-se um espaço político, educativo e cultural que vai na contramão de uma museologia tradicional. Inovador e criativo, traz para o centro das suas exposições vários objetos considerados exóticos e sem muito valor monetário, mas com grande representatividade, e junto com eles, as memórias e histórias quase sempre traumáticas recobertas de muita emoção e vida.

Através da possibilidade de uma nova museologia, e inusitados museus, seguimos em direção ascendente das últimas cinco décadas, a partir de várias discussões, encontros e seminários. Cartas e Resoluções são formatadas em todo o Mundo e uma delas é a Declaração do Rio 2013 – A Museologia do Afeto, criada durante a XV Conferência Internacional do MINOM – Movimento Internacional para uma Nova Museologia, que foi aprovada por aclamação na Assembleia Geral do MINOM realizada no dia 10 de agosto de 2013, e dentre suas várias observações nos diz que considera importante:

1- CLEITON GOS – Recife, artista plástico, ator pela Casa de Cultura/APPIA. Produtor cultural, graduando em Letras pela Faculdade São Miguel. Coordenador do Educativo no Muquifu.
2- JOSÉ AUGUSTO DE PAULA PINTO – Museólogo pela UFMG (2014), mestrando em Artes, Urbanidade e Sustentabilidade pelo PIPAS-UFSJ. Coordenador no Muquifu.



4. Dar relevo à atuação dos museus sociais, dos museus comunitários, dos ecomuseus, dos museus de favela, dos museus de território, dos museus de percurso e dos espaços museais. Todas essas organizações tiram e põem, fazem e desfazem suas memórias, sentimentos, ideias, sonhos, ansiedades, tensões, medos e vivem sua própria realidade, sem pedir permissão às autoridades estabelecidas;

5. Reconhecer que todos esses museus e processos museais assumem seus próprios “jeitos” de musealizar e se apropriam e fazem uso dos conhecimentos do modo que lhes convém;

6. Colocar em destaque a compreensão de que a museologia social consiste num exercício político que pode ser assumido por qualquer museu, independente de sua tipologia.” (MINON, 2013)

No item cinco acima considera-se que as instituições têm seu próprio “jeito” no fazer museal. O Muquifu promove o diálogo entre as pessoas que por ele se sentem representadas, através de dispositivos de escuta, mediação, narrativas, valorizando a história oral da comunidade. Todas essas metodologias e dispositivos têm como intenção tirar as populações das periferias e favelas do silenciamento, do apagamento.

O Muquifu dialoga com essas populações que estão quase sempre ausentes da maioria dos museus, ditos tradicionais, oficiais e legitimados. É um museu que resgata e preserva, sem alterar a intencionalidade e representatividade de cada objeto trazido para as coleções, revelando o protagonismo dessas pessoas, que são representadas pelo acervo por elas mesmas construído e edificado. Um objeto musealizado é recheado de significados a partir da sua materialidade, é símbolo da cultura e da história individual de quem teve contato com o objeto antes dele ir para o acervo. Às vezes o museu indaga se toda produção de objetos é uma produção de arte.





Exposição de longa duração
no Muquiçu / Fonte: José Augusto
de Paula Pinto, 2021

Aqui nesse texto opta-se pelo sim. Objetos reúnem formas, materiais e técnicas. As relações sociais é que lhe atribuirão usos e significados diversos, e assim tornam-se bases materiais para ideias abstratas, capazes de evocar memórias e representar ideais e valores sociais que nos afetam e transformam.

A relação entre o museu e o objeto é formada em seu nascedouro pela sua matéria básica, que aos poucos vão sendo acrescidos de histórias, afetos e emoções. A valorização do objeto, enquanto repositório e de uma aura única e forte vem através da escuta e das falas, antes banidas dos processos em museus, e é proposto um diálogo, uma mediação que provoca e promove a revelação das histórias vivenciadas ao longo do tempo, deixadas de fora do cenário.

As ações promovidas pelo museu no seu entorno resgatam a autoestima dos seus moradores, personagens, personalidades e artistas, reconhecendo-os como protagonistas, não só das histórias de suas vidas, mas das histórias das comunidades e da cidade. O empoderamento desses indivíduos, a confiança em sua própria trajetória e a certeza de sua importância, dentro e fora das comunidades, é o que almejam os novos museus; que mudanças históricas dentro da museologia, permitiram o aparecimento e engrandecimento da área.

O poder do Muquifu é uma consequência evidente do poder dos moradores do Morro do Papagaio. É um museu que se transforma junto às ações transversais e coletivas, é uma instituição que guarda e resgata histórias e memórias, preservando-as com a finalidade de serem comunicadas e resguardadas. As atividades sociais, educativas, políticas e sociais desenvolvidas possibilitam enquadrá-lo em várias categorias museais: museu de periferia, de território, de favela e comunitário, enfim um museu vivo, do afeto.



Dona Tina (in memoriam), Dona Marta e Maria Rodrigues relatam suas experiências - Evento no Muquifu no ano de 2015 / Fonte: Acervo Muquifu, 2015

Tudo o que foi dito aqui sugere uma revisão e renovação nos usos dinâmicos dos espaços museais no Brasil, transformando-os em espaços inclusivos que contemplem toda uma diversidade de grupos étnicos e sociais presentes na formação da sociedade brasileira. O Muquifu é um espaço que vislumbra sempre contemplar todas as pessoas que contribuem para a identidade política, histórica, cultural, artística e social do Morro do Papagaio, das demais favelas e quilombos urbanos de Belo Horizonte e de outras localidades.

O Muquifu, museu que afeta e é afetado, provoca e é provocado, é acionado por um diálogo constante em torno das histórias vividas pela população negra e pobre, resgatando as suas referências apagadas, silenciadas e excluídas dos espaços museais nacionais, resgatando

as referências representadas não só pelo período de escravidão, objetos de torturas e de suplícios, e sim revela os negros enquanto protagonistas, cidadãos ativos da nossa sociedade. Convocamos a sociedade a rever conceitos e linguagens apresentadas dentro dos espaços museais e culturais que persistem em ações que reforçam o tradicional, muitas vezes com métodos já ultrapassados e indignos para o século XXI.

Uma provocação que nos é sugerida e nos incita a meditar sempre, vem segundo Geertz (1989, p. 181) “As ideias são audíveis, visíveis e [...] factíveis, que podem ser contidas em formas que permitam aos sentidos, e através destes, às emoções, comunicar-se com elas de uma maneira reflexiva.” Sonhamos com um tempo em que ideias virem objetos e que objetos sejam capazes de contar sempre muitas histórias, causando deleite sempre e muita inovação amalgamada a muita reflexão e mudanças.

Referências

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

MINON, XV Conferência Internacional do. Museologia do Afeto. Rio de Janeiro, 2013. Disponível na data de 11 de abril de 2022 em: <https://ecomuseus.wordpress.com/minom-conferencias-internacionais/declaracao-do-rio-2013-museologia-do-afeto/>



Educativo MMGV em casa

Relatos de Home Office

Gabriela Brasileiro¹

Juliana Cristina²

Liliane Moreira³

Neuma Rosa⁴

Wesley John⁵

Resumo

Relato da equipe do Educativo do Memorial Minas Gerais Vale (MMGV) a respeito das impressões e dos desafios vivenciados durante o trabalho remoto ocasionado pela pandemia de Covid-19. Este texto é uma construção coletiva, pois além dos autores envolve também a contribuição de outros colegas do setor.

No final de 2019 o mundo observou de modo apreensivo o surgimento do coronavírus, causador da pandemia da Covid-19. A partir de 2020, diversas medidas foram implementadas a fim de tentar proteger a população, entre elas, o isolamento social. Vários foram os impactos ocasionados pela pandemia, como o que aqui destacamos: o fechamento de centros culturais e museus.

Dessa forma, o Memorial Minas Gerais Vale (MMGV), localizado na Praça da Liberdade e criado em 2010 como um espaço de valorização da cultura e história de Minas Gerais, com a utilização

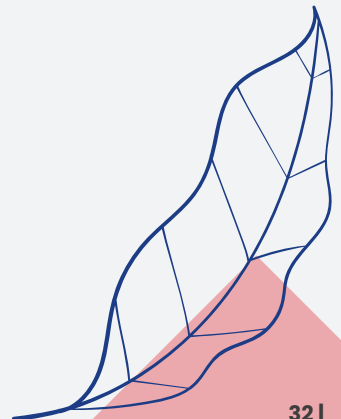
1- Gabriela Brasileiro. Graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal de Minas Gerais, educadora no Memorial Minas Gerais Vale e artista visual.

2- Juliana Cristina. Graduada em História pelo Centro Universitário UNI-BH; pós-graduanda em Arteterapia pela Integrare - Faculdade Vicentina, educadora no Memorial Minas Gerais Vale.

3- Liliane Moreira. Graduada em Turismo pela UFVJM- Diamantina, mestre em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável pela Escola de Arquitetura da UFMG, educadora no Memorial Minas Gerais Vale.

4- Neuma Rosa. Licenciada em Arte Educação com Habilitação em Artes Plásticas pela Universidade Estadual de Minas Gerais - Escola Guignard, educadora no Memorial Minas Gerais Vale.

5- Wesley John. Graduado em Museologia pela Universidade Federal de Minas Gerais, é educador no Memorial Minas Gerais Vale.



de uma expografia fortemente interativa, precisou se adequar a essa nova realidade. Assim, nós, educadores, ficamos reclusos em nossas residências, respeitando as orientações sanitárias.

Neste momento em que nos preparamos para a Semana Nacional de Museus de 2022, é chegada a hora de celebrar e dar visibilidade a uma parte do trabalho desenvolvido durante o período de quase dois anos de pandemia. Queremos, através desse relato, compartilhar algumas ações, bem como reflexões, que marcaram o trabalho da equipe do Educativo do MMGV.

Nos primeiros dias foi difícil entender como seria nossa atuação a distância, pois o nosso trabalho era, até então, pautado na experiência física e sensorial. Assim, observamos a necessidade de nos reinventar buscando uma forma de pontuar e organizar tempo e atividades de trabalho.

Iniciamos um período de estudos e diálogos, vimos exposições virtuais, trabalhos educativos de outros museus, assistimos a diversas palestras e participamos de vários cursos on-line, a fim de adequar nossas ações ao ambiente virtual, buscando alcançar o nosso público pelas redes sociais. Durante todo o período do trabalho em casa, improvisamos, com recursos próprios, estúdios de áudio e vídeo para gravar oficinas, ações educativas inspiradas em programas de rádio-novelas e encontros virtuais (lives). Para tanto, foi necessário dedicarmos um cuidado maior na tradução em libras, na legendagem dos vídeos e na fala mais acessível. Além disso, buscamos orientações de especialistas e estudiosos em acessibilidade em museus para ajustarmos continuamente as nossas produções.

Outro ponto que merece destaque refere-se aos professores que conheciam nosso trabalho de forma presencial e solicitaram que o Educativo atendesse seus alunos através de visitas virtuais. Foram realizadas algumas visitas remotas, que nos causaram alegria, pois nelas ocorreu uma boa interação entre educadores, alunos e professores.



Durante essas visitas, conseguimos abordar temas relacionados à construção da cidade de Belo Horizonte, levantar questionamentos sobre racismo e criar roteiros e diálogos que não estão explícitos nas exposições do MMGV, mas que aparecem de forma latente. Porém, é preciso dizer que ao sabermos do agendamento das visitas, também refletimos sobre como tais encontros se dariam e como poderíamos adequar as práticas educativas ao formato virtual. Em uma das experiências, fizemos mediação com uma turma de 30 alunos de Educação para Jovens e Adultos (EJA), cuja faixa etária variava entre 16 e 60 anos. O professor responsável nos solicitou uma visita, realizada via plataforma Google Meet. Durante o planejamento, dividimos os pontos a serem abordados por cada educador com os alunos e escolhemos quais recursos visuais seriam mais eficazes para apresentar o MMGV. Optamos por selecionar imagens das salas expositivas: Sala das Celebrações, Fazendas Mineiras, Vilas Mineiras e Povo Mineiro, sendo que nesta sala, em especial, resolvemos exibir um trecho do vídeo apresentado na exposição.

Durante essa visita, percebemos que poucos alunos participaram do diálogo com os educadores, o que pode ter sido causado pelas limitações que o tipo de visita realizada impõe, sejam elas relacionadas aos problemas com o uso da plataforma ou a erros de conexão da internet. Contudo, notamos que apesar das circunstâncias relatadas, a visita ocorreu de modo satisfatório e o uso das imagens das salas foi bem aproveitado. A experiência descrita nos trouxe inúmeros aprendizados, como por exemplo, o de usar adequadamente a plataforma e criar artifícios de participação, os quais serviram para outras visitas agendadas ou ações educativas ao longo do período de teletrabalho.

Em outro momento nos foi solicitada uma visita por parte de uma escola particular, com alunos na faixa etária entre 9 e 10 anos, entre eles, crianças com autismo. A temática abordada foi Belo Horizonte e a ocupação dos espaços públicos. O eixo da mediação foi despertar sensações nas crianças através de uma apresentação imagética e sonora e frases disparadoras. Iniciamos com um exercício de sensibilização do entorno, que nomeamos “Eu, minha casa e meu



bairro”. As crianças foram convidadas a se movimentar pela sua casa, olhar pela janela e refletir sobre os seguintes questionamentos: “Qual o bairro em que moram? Como está o céu aí? Tem pássaros? Fios de luz? Tem árvores, prédios? Tem carros e ônibus na rua? E praças?”.

No segundo momento, utilizamos imagens de Belo Horizonte, como da Casa do Baile e da Lagoa da Pampulha, desenhadas pelo educador Gustavo Rodrigues, e outras extraídas do vídeo da sala História de Belo Horizonte. Como encerramento, convidamos os participantes para experimentar de forma corporal o ato de “subir o bonde” com técnicas do teatro conduzidas pelo educador Angelo Dias. Toda esta proposta foi acolhida pelas turmas desta escola, numa forma de mediação lúdica.

Além dessas visitas com grupos escolares e outras que não mencionamos, também refletimos sobre os grupos espontâneos que visitam o MMGV acompanhados por guias de turismo e, a partir desse aspecto, foi criado o grupo de estudo Turismo, Hospitalidade e Museus. A ideia surgiu por iniciativa de duas turismólogas, Liliâne Moreira e Zélia Lopes, que fazem parte da nossa equipe. A partir de reuniões e conversas, convidamos um grupo de guias de turismo de Belo Horizonte para um encontro virtual, a fim de apresentarmos o nosso trabalho e conhecermos um pouco do trabalho deles. Foi uma troca espetacular, pois até então recebíamos os grupos e vivenciávamos pequenos conflitos com este público e até mesmo com os guias, fato ocasionado pelo desconhecimento das regras de visitação ao museu e pela falta de entendimento do papel do Educativo na instituição.

Também destacamos outra iniciativa, desta vez empreendida pela equipe do Receptivo, que também faz parte do setor Educativo do MMGV, a qual desenvolveu o “Projeto Conectando Gerações”, que objetivou, através de um minicurso, ensinar idosos a usarem aplicativos e redes sociais por meio do celular e a se comunicarem com seus familiares e amigos. Neste projeto, ocorreu uma grande procura, e as inscrições logo se esgotaram, havendo a necessidade de se criar outra turma.



Queremos agora evidenciar outro projeto, o Educativo Aberto, envolvendo uma convocatória que abre espaço para estudantes de graduação apresentarem projetos a serem desenvolvidos para grupos diversos, com as premissas do nosso Plano Educativo. Sempre dialogando com as temáticas do MMGV e aplicando as atividades junto a outro projeto, intitulado Boa Vizinhança, no qual são ofertadas propostas específicas para instituições, ligadas à educação do nosso entorno com visitas mediadas, palestras, entre outras ações.

A convocatória foi feita em 2020 e realizada em 2021, devido à pandemia. A condução e a realização dos projetos selecionados representaram um novo desafio, pois todas as propostas foram inscritas na nossa antiga realidade, sem a Covid-19. Foram vários encontros, quase semanais, com as duas duplas selecionadas. Cada uma delas foi assessorada por dois educadores durante cinco meses, tempo de duração do projeto. Ao longo dessa jornada alguns imprevistos surgiram, sendo necessário reduzir o número de propostas, fazer adequações e até mesmo mudanças. Seguimos em frente, conversando e alinhando as ações, para que pudessem acontecer no tempo previsto e de maneira satisfatória.

Outro assunto que não poderíamos deixar de abordar é o projeto Africanerê, que foi um percurso, criado antes da pandemia, o qual o Educativo do MMGV elaborou especialmente para o público infantil, com o intuito de criar diálogos sobre as histórias do continente africano, seus povos e suas culturas. São sementes da África cultivadas dentro do Memorial. E foi justamente durante o período da pandemia que essas sementes germinaram, fazendo nascer o vídeo Africanerê. Nele, buscamos um olhar especial para cada detalhe – salas, roteiro, músicas e desenhos criados pela educadora Maryslâne Santos. Tudo elaborado com o objetivo de provocar estímulos, interação e emoção, de modo que as crianças, mesmo a distância, pudessem experimentar o vídeo de maneira inclusiva.

Para finalizar nosso relato de experiência, ressaltamos que não foi simples realizar as ações educativas e demais tarefas de modo remoto. Enfrentamos desafios que desgastaram toda a equipe: o



distanciamento, a dificuldade na comunicação e a escassez de equipamentos e demais recursos para suprir as demandas de trabalho, além do tempo, que parecia correr diferente. Apontamos esse fator, pois antes do trabalho remoto não tínhamos conhecimento do prazo para realização de algumas propostas, sendo um exemplo a elaboração dos vídeos educativos, cujo período de produção envolvia sempre diversas etapas.

Enfim, fomos nos organizando, criamos diversos grupos e subgrupos de trabalho com reuniões semanais para dividir as tarefas que seriam desenvolvidas. E, dessa forma, a partir da competência e do esforço de toda a equipe, bastante caracterizada por sua interdisciplinaridade, inúmeras ações foram criadas, entre práticas educativas, eventos, visitas, oficinas e posts. Com o passar do tempo fomos transformando ideias em aspirações concretas, sendo tudo isso parte de um grande aprendizado.



A Força Educativa do Sesi Museu de Artes e Ofícios

Amanda Meireles¹

Flávia Bittar²

Igor Cândido³

Thiago Ferreira⁴

Resumo

Há 16 anos o setor educativo do Sesi Museu de Artes e Ofícios (SESI MAO) tem realizado ações importantes na área da educação, artes, cultura e patrimônio, por meio da salvaguarda, pesquisa e difusão do acervo e da história do universo do trabalho.

Em todos esses anos a essência do setor educativo e cultural do museu foi e é – trabalhar para o público; cumprindo sua função social. Estabeleceu-se uma relação de confiança com a sociedade e trouxe experiências verdadeiras de contemplação do acervo, não apenas pela museografia e expografia impecável, mas também pela mediação museológica dentro das ações educativas.

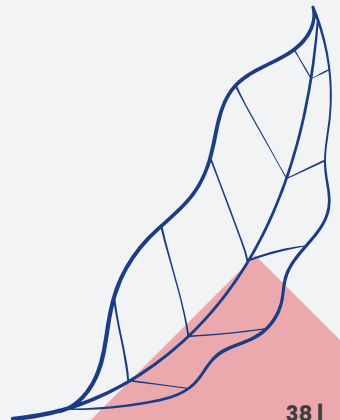
O Programa Educativo e Cultural do museu iniciou suas atividades em 2006 e desde o seu início considerou as especificidades dos mais variados grupos de visitantes.

1- Amanda Meireles – Graduada em Museologia pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e pós-graduanda em Gerenciamento de Projetos pela PUC Minas. Atualmente compõe o Setor Educativo do Sesi Museu de Artes e Ofícios (SESI MAO) no cargo de Assistente de Mediação Museológica.

2- Flávia Bittar – Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Especialista em Gestão Escolar pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS) e mestranda em Educação e Docência pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Desde 2015 participa do desenvolvimento de ações educativas do museu. Atualmente é Analista de Mediação Museológica no Sesi Museu de Artes e Ofícios.

3- Igor Cândido – Museólogo com Bacharelado em Museologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Especialista em Gestão Cultural: cultura, desenvolvimento e mercado pelo Centro Universitário SENAC de São Paulo e Mestre em Ciência da Informação com ênfase em Memória Social, Patrimônio Cultural e Produção do conhecimento pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atualmente é Assistente de Mediação Museológica no Sesi Museu de Artes e Ofícios.

4- Thiago Ferreira – Graduado em História pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS) e graduando em Pedagogia pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Atualmente é Assistente de Mediação Museológica no Sesi Museu de Artes e Ofícios.



As premissas do Museu são a valorização da diversidade cultural, política, étnica e de gênero da nossa sociedade.

Os grupos visitantes que conhecem o Sesi MAO, seja na busca por lazer e entretenimento ou com intenção educativa e pedagógica, descubrem novos caminhos pelo potencial que o acervo tem e entendem o que é similar ou distinto na história do trabalho. Podem-se encontrar dentro do museu, memórias afetivas, históricas e culturais que se interconectam com os objetos valorizados enquanto patrimônios históricos e artísticos nacionais.



O trabalho educativo

A experiência do público ao visitar o Sesi Museu de Artes e Ofícios é única. Estimulam as memórias coletivas e afetivas dos visitantes que percorrem as Galerias A e B. Neste percurso imersivo, constroem-se por meio da ação educativa, experiências singulares e que buscam estimular a subjetividade desses indivíduos.

[...] de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude. Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. (BONDÍA, 2022; p. 24).

Ligada às transformações dinâmicas da sociedade, a equipe educativa faz conexões da cidade ao museu, do público ao acervo e por meio de diálogos e pistas que o acervo e a mediação proporcionam pode-se reconectar o visitante ao que muitas vezes ele já conhece e também ampliar perspectivas.

Segundo Gallo (2012) “cada um reage aos signos de uma maneira; cada um produz algo diferente na sua relação com os signos, o que equivale a dizer que cada um aprende de uma maneira, a seu modo singular.”

Os educadores junto aos visitantes buscam caminhos pedagógicos inclusivos e progressistas e isso potencializa a construção de conhecimentos relacionados às artes e os ofícios brasileiros, por meio de diálogos e estímulos que podem ser reflexivos.

Nesse sentido, há multiplicidade de oportunidades também com o uso de recursos didáticos para além do acervo. É incorporado à mediação para caráter gerador seja para as experiências individuais ou coletivas.

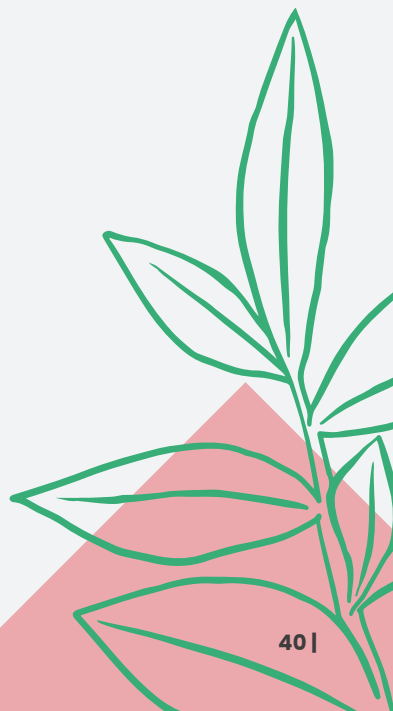
A implementação de trilhas do museu com seis percursos temáticos, como a Trilha História do Trabalho, Trilha Afro-brasileira, Trilha Mulheres e Ofícios, Trilha da Energia, Trilha da Indústria e Pequenos Caminhos ressaltam a importância do trabalho educativo junto à sociedade, por conseguinte problematiza-se e reflete nas trilhas os estigmas relacionados ao trabalho e da formação cultural, histórica e social do Brasil.

Com linguagem adequada de acordo com a faixa etária e determinados grupos de visitantes, busca-se a equidade e a educação das relações sociais e étnico-raciais, além de todo potencial histórico do museu. É um acervo singular e com grande potencial transdisciplinar.

As ações promovidas são construções diárias do setor educativo e que vem do exercício de reflexão da prática dos educadores do SESI MAO, de modo a acolher opiniões das gerações mais experientes aos olhares inovadores da infância que dão formas expressivas, criativas e dialógicas ao trabalho.

Em tantos anos de atuação na mediação do acervo junto aos visitantes, as práticas educativas foram sendo enriquecidas e repensadas, refazendo caminhos pedagógicos, ampliando atendimentos e prezando sempre pela qualidade técnica da equipe.

O caminho cursado pelo educativo foi e é alicerçado em pesquisa,



estudo e práticas dos profissionais atuantes no setor. No entanto é importante lembrar que o Sesi MAO também foi coadjuvante de muitas ações promovidas pelo público externo, de áreas como educação, cultura, patrimônio, turismo e que fez ainda mais o educativo se estabelecer como um setor potente do museu.

Um grande exemplo de projeto para preservação e divulgação do patrimônio do MAO é o "Aula de Museu", no qual levou e leva para escolas públicas e privadas um pouco do acervo museológico, das histórias em torno das peças selecionadas para este momento formativo, das formas de salvaguardar patrimônios e apresentando a história das Artes e Ofícios no Brasil, fomentando a cultura brasileira por meio do acervo.



Aula de Museu. Créditos: Acervo Fotográfico do MAO.

São momentos únicos e subjetivos, entre mediadores e visitantes que, de forma complexa ou simplificada, alimentam o espaço, seja presencial ou também de forma virtual.

Outro motivo de orgulho e satisfação para o Sesi Museu de Artes e Ofícios e para a cidade de Belo Horizonte - MG é prestigiar os artistas locais de BH e região com as exposições temporárias em suas salas expositivas, apoiando e divulgando a arte contemporânea junto aos visitantes.

As ações culturais e educativas do museu oferecem às crianças, jovens,

adultos, idosos, pessoas em vulnerabilidade social, pessoas com deficiência, turistas, educadores e demais profissionais de museus e do patrimônio cultural, professores, pesquisadores e interessados, uma agenda com oficinas e ações formativas relacionadas tanto ao acervo do museu quanto as exposições temporárias, que fazem com que as exposições se desdobrem e integrem em outros caminhos e os sensibilizem de outras formas.

Potencializar e aproveitar as inúmeras dimensões que o museu oferece é o que dá vida ao espaço. O coração do museu pulsa como educativo!

As trilhas sempre percorrem caminhos desafiadores e ao mesmo tempo estradas do encantamento, da fantasia. Prioriza-se e efetiva a aprendizagem também por meio das oficinas, encontrando a ludicidade no universo do trabalho.

Feito de pessoas para outras pessoas, essa é a capacidade que o museu, enquanto organismo vivo tem e oferece no cotidiano - transforma, estimula, capacita, sugere, multiplica. Essas são as forças educativas do Sesi Museu de Artes e Ofícios.

Referências

BONDÍA, Jorge Larossa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência; Rev. Bras. Educ. (19) • Abr 2002 • Tradução: GERDALDI, João Wanderlei. Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>>. Acesso em: 14 de abr. de 2022.

AS MÚLTIPLAS DIMENSÕES DO APRENDER. Silvio Gallo FE - Unicamp silvio.gallo@gmail.com Aprendizagem nas Diferentes Dimensões





Patrocínio:



Realização:



Espaço do
Conhecimento
UFMG

Memorial
Minas Gerais
Vale



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO